

MENS SANA IN CORPORE SANO
OS COLÉGIOS DO DR. ABILIO CESAR BORGES, O BARÃO DE
MACAHUBAS (1858-1891)

Menino só endireita no colégio
(J. L. Rego)

Diane Valdez¹

Este texto faz parte da nossa pesquisa de doutoramento desenvolvida na Faculdade de Educação, linha de História e Filosofia da Educação, da Universidade Estadual de Campinas. Investigamos a representação de infância nas obras pedagógicas do Dr. Abilio Cesar Borges, o barão de Macahubas, médico baiano que na segunda metade do século XIX ocupou um lugar significativo na instrução do Império. Foi Diretor Geral de Instrução Pública da Bahia (1856-1857), autor de livros e compêndios para a infância brasileira, publicou uma série de materiais a respeito da instrução primária divulgando um ensino brando e livre de castigos físicos e dirigiu estabelecimentos particulares durante várias décadas.

O objetivo deste artigo é de apresentar aos leitores como este educador implementou um modelo de instrução baseado na máxima *Mens sana in corpore sano*², fazendo de seus estabelecimentos referências de um ensino preconizado pelos ideais dos médicos higienistas do período. Iniciou sua trajetória como proprietário e diretor de colégios em Salvador, em 1858, com o *Ginásio Baiano* e, no ano de 1870, transferiu-se para o Rio de Janeiro inaugurando o *Colégio Abilio da Corte*, que dirigiu até 1879. Em 1881, criou seu novo *Colégio Abilio* na cidade de Barbacena, em Minas Gerais, dirigindo-o até 1888, quando retornou ao Rio de Janeiro com o *Novo Colégio Abilio*, inaugurado em parceria com seus filhos que, desde 1883, já dirigiam o estabelecimento³.

¹ Mestra em História pela UFG, doutoranda em História e Filosofia da educação pela FE/Unicamp. Membro do Grupo de estudos História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR/Unicamp) e bolsista do CNPq.

² Máxima de Juvenal, muito utilizada na educação até meados do século XX. Em latim, significa *Alma sã em corpo sã*, indicando que o verdadeiro sábio só deseja a saúde da alma e do corpo. Porém, para muitos que defendiam a prática da ginástica e dos exercícios físicos, o sentido era dizer que a saúde do corpo era importante para o espírito (DUARTE, 1986). Abilio era um usuário de máximas em latim, de Juvenal, Sêneca e outros. Era muito comum apoiar suas idéias em cima destas pequenas frases moralistas, às vezes traduzidas e outras não. As máximas e os bons conselhos decoravam as paredes de seus colégios. Utilizou as máximas, sobretudo do Marquês de Maricá, em suas obras para os leitores decorarem ou copiarem inúmeras vezes, nas punições.

³ Antes desse período, Abilio já havia experimentado a prática do magistério, quando ainda atuava como médico, na Vila da Barra do Rio Grande. Em 1850, viveu sua primeira experiência como diretor de um colégio particular, denominado *Ateneu Barrense*, o primeiro estabelecimento de ensino direcionado para o sexo masculino da Vila da

É importante destacar que neste período da história da educação brasileira, o direito à liberdade de ensino, já consagrada pela chamada ‘ineficiência’ da instrução pública provincial, reforçou a efetivação da iniciativa particular nas províncias, que se expandiu quantitativamente e qualitativamente, com a crença institucionalizada de que era a solução para a lacuna deixada pelo poder público. Este, por sua vez, estimulava esta ‘contribuição’ através de variados acordos com a iniciativa particular, como subvenções às escolas por serviços prestados ou em troca da educação gratuita de alguns alunos (bolsistas), incorporação de aulas públicas gratuitas para crianças pobres, contratos etc. conforme ressaltou Haidar (1974).

O desenvolvimento do ensino privado foi, paulatinamente, se constituindo e se efetivando, em todas as regiões, sobretudo nas capitais, de forma a oferecer uma ‘opção’ para as famílias. Os colégios, instalados em prédios próprios, dentro dos parâmetros exigidos, com professores qualificados e valorização dos preceitos da ‘modernidade’, não atraíram somente os interessados em estudos fáceis e rápidos. Havia colégios nas províncias que, devido à qualidade superior de seu ensino, desviaram dos estabelecimentos públicos os que buscavam melhor preparação para os cursos superiores. Eram verdadeiros refúgios para a elite ansiosa e desejosa de uma boa instrução.

Os colégios de Abílio estavam plenamente inseridos neste circuito fechado e privilegiado. Fato que não passou despercebido do olhar de diferentes autores da história da educação, os quais, independente das críticas, delegaram um papel importante a esses estabelecimentos, seja por causa alunos célebres que por ali passaram, pelos métodos renovados, pela disciplina branda ou pela divulgação incessante, por parte do diretor e de seu grupo, a qual propagava os feitos dos colégios de forma a repercutirem por todo o Império.

O *Ginásio Baiano*, inaugurado em 1858⁴, a exemplo do *Colégio Pedro II*, recebeu o apelido de ‘ninho de águias’, por causa dos alunos ‘ilustres’ que lá completaram seu curso de humanidades. Foi abrigado em uma casa grande, com muitos

Barra. A segunda experiência, como já ressaltamos, foi no *Colégio Conceição* mesmo colégio em que fizera os preparatórios, onde permaneceu por cinco anos ensinando várias matérias.

⁴ Nesse ano, a Bahia não estava voltada somente para a inauguração do Ginásio que abrigaria a elite local. Em fevereiro, aconteceu uma manifestação violenta, conhecida como “motim da carne sem osso e da farinha sem caroço”, liderado por mulheres que, recolhidas na Santa Casa de Misericórdia, protestaram pelas ruas contra o preço da farinha e terminaram por apedrejar o palácio do governo. O Presidente Cansação de Sinimbu mandou recolher as mulheres e enviá-las para o convento da Lapa. Esse episódio ficou conhecido também como ‘revolução dos chinelos’, pois, ao fugirem da cavalaria oficial, muitas manifestantes deixaram os chinelos pelas ruas (TAVARES, op. cit.).

cômodos, em meio a uma área verde, num local afastado do centro de Salvador⁵. No ano seguinte, o colégio foi transferido para a região de Barris, outro espaço salubre em um prédio feito exclusivamente para abrigar um ambiente de escola.

Ao manifestar preocupação referente à localização do estabelecimento, o médico Abilio traduzia os preceitos contidos nos discursos médicos do período, pois o afastamento do mundo urbano, a partir da busca de um ar saudável, foi um critério utilizado na construção de colégio. Contudo, não podemos perder de vista que a Bahia acabava de sair de uma devastação de cólera, tendo a epidemia exterminado, somente no ano de 1856, quase 30.000 baianos, tragédia que deixou a Bahia prostrada⁶. Um forte motivo para construir seu Ginásio longe de focos de infecção. Com esse afastamento, Abilio pretendia, além de proteger seus pupilos contra as doenças, retirá-los de um mundo de vícios, de paixões e de tentações urbanas, como bem assinalou no Programa do estabelecimento:

O Ginásio Baiano vai funcionar em edifício situado em uma chácara muito próxima desta cidade, onde os alunos, por sobre estarem isentos das distrações e desvios a que dá lugar a morada no centro da povoação, terão dilatados espaço para o conveniente exercício corporal e excelentes banhos (Apud, ALVES:2000,p.25).

O espaço escolar também era visto como um componente educativo, portanto era preciso pensar um estabelecimento que assegurasse, ao mesmo tempo, condições de salubridade, tanto do ambiente físico como do humano. Para tanto, a construção de prédios, preferencialmente, deveria ocorrer em lugares afastados da cidade, altos, nos arrabaldes e colinas, arejados, bem iluminados. Critérios, conforme registrou Gondra (2004), sugeridos para a higiênica expansão do espaço urbano e, conseqüentemente, para a escolarização.

O prédio do *Ginásio* foi pensado por seu diretor para uso exclusivamente escolar. Espaços separados foram definidos para abrigar seus discípulos por série e idade, com salas de estudo, rouparia, dormitórios, salas de aula, refeitório, enfermaria,

⁵ O prédio, com acomodação para 200 alunos, localizava-se em frente ao Forte de Barbalho, na 'Estrada do Jacaré de Cima', nome que foi modificado, por resolução municipal de outubro de 1921, passando a se chamar 'Rua Dr. Abilio Cesar Borges'. Esse edifício pertenceu ao português Antônio Pedroso de Albuquerque, o visconde de Albuquerque, um dos homens mais ricos do Império, pertencente à primeira linha do partido Conservador. Abilio conseguiu esse espaço graças ao intermédio de seu 'padrinho' João Mauricio Wanderley, do mesmo partido do visconde.

⁶ De acordo com Pinho (In: HOLANDA, 1978, p.310/311), em 1855, a peste desembarcou de um vapor vindo do Pará e invadiu a Província entrando pelos lares e matando senhores e escravos. Houve casos de engenhos em que não sobrou um só escravo. Abnegação e sacrifício conviviam com pavor e egoísmo e muitas autoridades evadiram, porém médicos, marinheiros, estudantes, freiras de caridade e outros morreram servindo. Os cemitérios logo ficaram abarrotados de cadáveres, pois a média diária na Capital era de cem mortos.

latrinas, além de área para lazer e esportes. Para Abilio, o papel da escola não se restringia somente a oferecer aos alunos uma educação intelectual e moral, era essencial o cuidado particular com o espaço físico escolar, que incluía: “Alimentação sã, regular e abundante; exercícios corporaes moderados; trabalho e repouso razoaveis; a tudo tenho convenientemente attendido (*sic!*)” (1866, p.127).

No discurso médico, registrou Gondra, havia um esforço para que se construíssem prédios específicos para colégios, com capacidade para receber um número de alunos adequado para o tamanho da sala, assegurando, assim, uma capacidade atmosférica, por aluno, suficiente para a manutenção de um ambiente com salubridade. Localização, dimensão e arquitetura, separação por idade, divisão útil do tempo, recreio e lazer em espaços adequados, quantidade e qualidade da alimentação, vestimentas, sentidos e excreções, tempo do sono, banhos exercícios na água, tudo foi pensado pelo diretor, estando, dessa forma, dentro das prescrições dos doutores da *Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*, onde o médico Abilio concluiu seu curso.

Abilio sempre se mostrou favorável aos internatos, adotando este sistema para todos seus colégios. Enquanto Diretor da Instrução, já havia sugerido a transformação do Liceu da Bahia nesse tipo de estabelecimento, alegando que seria de inestimável proveito para a Província, por ser mais fácil a ‘correção dos costumes’ e a ‘manutenção da ordem’. Com origem nas clausuras rigorosas feitas para as ordens religiosas, o internato foi utilizado como espaço escolar primeiramente pelos jesuítas e foi uma das causas do êxito na educação dos padres da Companhia de Jesus. Seu papel era de instaurar um mundo pedagógico, separado do mundo externo.

Este tipo de estabelecimento era tomado como modelo escolar ideal para a efetivação do projeto de moralização, gestado e legitimado pela ordem médica. Representado como fortaleza, o colégio atuaria como uma verdadeira barreira contra os vícios, sendo preciso, para tanto, evitar o contato dos alunos com o mundo exterior, controlar as saídas, comunicações e leituras⁷. Educar requeria, naquele momento, um certo enclausuramento para evitar tudo que pudesse ameaçar o projeto de investimento na moralização das crianças.

O aspecto de prisão dos colégios de Abilio também estava dentro da arquitetura dos sobrados oitocentistas que, com seus portões, muros altos e cães ferozes, tinham a

⁷ A não mistura dos alunos externos e internos baseava -se também no perigo que aqueles poderiam trazer das ruas, visto que eram menos controlados e menos expostos à vigilância, podendo introduzir, no colégio, jornais, livros servir de mensageiros etc.

intenção de preservar a família patriarcal urbana da plebe de rua composta por sedutores, ladrões e, sobretudo, moleques ou meninos e meninas da mesma idade dos pupilos dos colégios, os quais estavam fora da escola e que, em grande parte, se ocupavam de ofícios menos dignos, como vendedores de loterias e quitutes, condutores de cegos, etc. Crianças e adolescentes pobres que eram relacionados à condição de vadios, como registrou Fraga Filho:

A sociedade escravista não oferecia grandes alternativas de ascensão para geração mais novas de livres e libertos. Especialmente para os meninos negros, a escravidão continuava a impor-lhes papéis subservientes e servisais. Nas tendas dos mestres de ofícios, por exemplo, eram submetidos a rigorosa disciplina, a castigos corporais e tarefas estafantes. Diante disso, as vadiações e peraltices de rua apareciam como um misto de desdém, indiferença, protesto e resistência a um mundo adulto de horizontes limitados (1996, p.12).

Em nome de um projeto de moralização era preciso assegurar, no interior dos internatos, um completo isolamento entre as classes constituídas. O combate ao perigo, representado pelo mundo exterior, foi exemplificado na tese do Dr Armonde sobre a influência exercida pelos “capoeiras”. Em sua ótica, os exemplos de ‘moral perniciosa’ deveriam ser erradicados, como no caso dos capoeiras, grupo que mais comprometia a ‘civilização do Brasil’. Os professores e a polícia deveriam atuar conjuntamente, de modo a extinguir esta ‘raça nociva’ que vinha influenciando os meninos, atraindo-os para “os fataes exercícios da capoeiragem” (Apud GONDRA op.cit., p.456).

O Ginásio era um espaço, como definiu Abilio, distante das distrações, ou seja, que separava a criança e o jovem do mundo adulto (visto com desconfiança) e também do mundo dos meninos e meninas sem ‘eira nem beira’, vistos com desprezo pelos bem nascidos. Era necessário distanciá-los dos moleques vadios para que pudessem viver em um ambiente pedagógico ‘puro’, um ambiente saudável, como foi descrito por Castro⁸ e Meireles⁹:

Quem chegasse em horas de recreio e contemplasse a legião infantil, girando qual bandos de alacres borboletas em torno do jardim, ou exercitando-se nos trapezios transbordante de seiva robusta, attestando-lhe a fortaleza do organismo, physico e a saúde do espirito, a *mens sana in corpore sano*, apreciaria a vida em toda a pujança, a felicidade em todo o apogeu, encerada no edifício do Gymnasio Bahiano (Apud RIGHBA, op. cit., p.52-53).

⁸ A professora Maria Luiza de Souza Castro foi uma das palestrantes na semana que homenageou o centenário de nascimento de Abilio, em 1924.

⁹ Cecília Meireles escreveu sobre a infância de Rui Barbosa, o menino prodígio que, com doze anos, freqüentava o Ginásio Baiano.

Grande colégio cercado de frondosas mangueiras. O diretor abolira os castigos corporais, que até então se aplicava aos alunos. Um dos jovens alunos, que se chamava Antônio de Castro Alves, até fizera uns versos, a esse bondoso diretor chamando-o “o anjo que à mocidade dos rigores libertou”. Oh! Ali era um paraíso: nem se falava mais em palmatória, e o diretor organizava reuniões literárias, em que os estudantes liam suas primeiras produções (1949, p.25).

Nas passagens da professora e da poetisa, a infância que freqüentava este ‘paraíso’ é comparada a ‘borboletas’ e ‘anjos’ que conviviam de forma harmônica e idílica em um ambiente natural e, sobretudo, sadio, onde o ar puro contribuía constituía um espaço considerado próprio para formar ‘bons corações’. Nos depoimentos referentes aos outros colégios, também eram comuns opiniões que reforçavam e exprimiam sentimentos de fraternidade, de ensino amorável, de relações idílicas e romantizadas. Ou seja, expressavam um modelo idealizado de escola higiênica, agradável e própria para a infância sadia, que em nada lembrava o mundo externo, composto por moleques, vadios e capoeiras.

De acordo com Abilio, para que a infância e a juventude pudessem representar um futuro próspero, era preciso uma educação reforçada, pois a idade que os cercava era plena de ‘perigos e ameaças’. Desta forma, seu estabelecimento era um espaço pra controlar essas constantes imprudências, pois ‘o bem nasce do bem’, como alertou no ano de 1858:

É muito neccessario não esquecerdes um so momento que a mocidade é leviana e imprevidente. Acostumai-vos a viver um pouco mais no futuro. A docilidadde, meus amigos, é a virtude fundamental de vossa idade. – é a essencia mesma do bom discipulo -: aquelle de vós que a não possuuisse, o que é que viria fazer no Gymnasio? Sêde docéis; - vereis como desta só qualidade vao dimanar sucessivamente todas as outras: - o bem nascera do bem: - o estudo rehaverá todos seus encantos; e o Gymnasio Bahiano será uma morada de serena paz e de prazeres puros (1866, p.30).

Um bom colégio, às vistas do diretor, não poderia abrir mão dos princípios morais, a base segura e incontestável de seus estabelecimentos: “Até hoje, mercê de Deus, não fiz questão de numero de discipulos, nem jamais o farei. Minha questão é outra: é disciplina e moralidade primeiro que tudo, e depois da rehabilitação do ensino que tão frouxo e abatido vai no paiz” (Ibid, p.66). Para manter a disciplina e a moralidade, era necessário manter a vigilância, que ficava por conta, sobretudo, dos censores, como aponta o Regimento Interno do Ginásio:

Os censores serão obrigados:

1. A residirem no Ginásio.
2. A vigiar incessantemente os alunos que estiverem cometidos à sua inspeção.
3. A tratar os alunos com franqueza. Afabilidade, e a reserva necessária, para conservarem o prestígio indispensável ao bom cumprimento dos seus deveres.
4. A dar conta minuciosa ao diretor de tudo quanto se passar entre os alunos que não seja conforme as regras estabelecidas.
5. Será imediatamente despedido, o censor que receber o mais pequeno presente dos alunos, ou servir-se por empréstimo, de quaisquer dos objetos a eles pertencentes (Apud ALVES, op. cit., p.35).

Se a intenção era a de oferecer um ensino diferenciado dos demais, um lugar onde as crianças e jovens tivessem acesso à disciplina e à moralidade antes de tudo, conseqüentemente, essa formação não aconteceria sem a implantação de normas rígidas. Afinal, era preciso se diferenciar do ensino ‘frouxo’ que Abilio tanto criticou em sua passagem no cargo de Diretor de Instrução da Bahia.

O Ginásio, organizado desta forma, atraiu alunos vindos de várias regiões do nordeste e norte do país. A cada ano, somavam-se mais e mais pupilos. As escolas da Bahia neste período, se ocupavam, quase que exclusivamente, com o ensino preparatório para a admissão nos cursos superiores, não havia nenhuma preocupação com o desenvolvimento do corpo, nem com higiene, educação moral dos alunos e espaço físico¹⁰. Também não podemos deixar de ressaltar que uma parte da sociedade baiana, sobretudo a da capital, era rica e opulenta, e que essa riqueza se confrontava com a miséria dos escravos, libertos e mulatos desempregados, como afirmou Mattoso (1992).

Esta classe abastada dispensava uma boa soma para manter os filhos estudando no Ginásio. Os pensionários (alunos que moravam no colégio) deveriam pagar o valor de 360\$000 e os semipensionistas (aluno que permanecia o dia inteiro), 160\$000, valores que eram divididos em três prestações¹¹. Os alunos externos, pagavam mensalmente de acordo com o número de disciplinas escolhidas. O valor era menor para os freqüentadores do ensino primário, elevando-se para os que cursavam mais ‘aulas’, sobretudo as que incluíam línguas, sendo estabelecido outro valor separado para as

¹⁰ Mariani (Apud RIGHBA, op. cit., p.306) registrou que, para as diversas escolas da Bahia, o mais importante era uma casa espaçosa para abrigar cem ou duzentos alunos. Muitas utilizavam os dormitórios como espaço de recreação, o que se deve ao fato de que, quando os portugueses chegaram na região, já havia bosques nas proximidades, razão pela qual baniram os jardins de suas habitações.

¹¹ Um mil-réis (1\$000), no ano de 1875, valia 1,05 dólares; um conto de réis, (1:000\$000), no mesmo ano valia 550 dólares (SILVA, 1997).

‘classes’ de música, desenho e dança. A anuidade no *Colégio Abilio* da Corte (na década de oitenta) era de 600\$000 e 640\$000. Nos anúncios de outros colégios do porte que encontramos no jornal *A Província de São Paulo*, a anuidade estabelecida para os alunos internos fixava-se entre 370\$000 a 600\$000.

Para estabelecermos um parâmetro do valor desses pagamentos, podemos compará-los com o salário pago aos professores da instrução pública na Bahia do período. Um professor do interior da Província recebia anualmente o valor de 400\$000, enquanto que o da capital (Salvador) recebia o valor de 600\$000. Não foi possível apurar o valor que era pago aos professores do Ginásio, porém é evidente que um professor da instrução pública dificilmente teria condições de manter seus filhos no *Ginásio Baiano*¹².

O fato de o Ginásio ser pago levou o diretor, de forma constante, a investir em uma intensa e extensa propaganda, além de explicar aos pais a importância de uma boa escola na vida da criança, como ficou registrado em um de seus discursos:

Não é bastante, diz um grande pensador, fazer a escolha de um collegio para se tirar d'elle todo o fructo que se deve esperar; convém muito, além d'isto, que os pais vejam muitas vezes o director, sub-director e mestres, para se informarem do proceder de seus filhos, e do progresso que fazem nos estudos; que lhes deem luzes sobre seu character e suas inclinações; que tomem com elles medidas para corrigil-os de seus defeitos. Refiro-me a proposito um dito muito sensato de Aristippo. *Um pai, admirado de lhe pedir este philosopho mil drachmas para instruir seu filho: como! Exclamou: por este preço comprarei eu um escravo. Terei dous em vez de um,* respondeu Aristippo, querendo com isso dizer que este avarento pai não faria de seu filho sino um escravo (1866, p.45).

Independente de ser custoso permanecer no Ginásio, o certo foi que este estabelecimento formou discípulos que ocuparam, posteriormente, posições ‘relevantes’, tornando-se conhecidos no mundo da literatura e da política. O jurista Rui Barbosa e o poeta Castro Alves são exemplos disso. O poeta iniciou sua trajetória no

¹² De acordo com pistas que encontramos, esses valores não eram pagos com facilidade por alguns pais, que tiraram seus filhos do colégio, alegando falta de condições para o pagamento. Abilio também admitia alunos bolsistas em seus colégios e, embora não tenhamos uma proporção disso, encontramos referências de que, devido ao seu sentimento filantrópico, não privava nenhum menino pobre de seus ensinamentos, com uma ressalva, entretanto: ‘que revelasse inteligência’. Isso era revelado após o candidato se submeter a uma seleção. Ter discípulos brilhantes era quase uma obsessão de Abilio, para quem o talento parecia ser mais importante que o dinheiro. Em uma carta escrita, em 1875, a um pai de Ouro Preto (MG) que, por questões financeiras, iria retirar seus filhos do *Colégio Abilio* da Corte, Abilio ressaltou que já havia proposto para um deles, o Arthur, tido como notável estudante, uma bolsa integral como prêmio de merecimento. Para o diretor, Arthur servia como exemplo para os outros alunos, e lhe ‘causava pena’ o menino sair sem antes acabar os preparatórios. Ele alegava que ter o brilhante discípulo em seu colégio tinha valor muito maior do que a ‘pensão’ paga pelo pai do menino. Quanto ao irmão, que não devia ser notável, não foi mencionado pelo Diretor (Apud, RIGHBA op. cit., p.381).

mundo dos versos neste Ginásio, quando, aos doze anos, pediu licença ao professor de latim para traduzir a tarefa dada pelo mestre, uma ode de Horácio, em forma de verso, fato que deixou todos ‘maravilhados’. Compôs inúmeros versos para homenagear Abilio. Rui Barbosa, ao terminar o preparatório foi impedido de ingressar na faculdade pela falta de idade mínima, permanecendo mais um ano no Ginásio, estudando alemão e fazendo revisões. Estudaram no *Ginásio Baiano* outros pupilos que, posteriormente, se destacaram na vida intelectual e política da Bahia e do Brasil, como Lino de Andrade, que foi primeiro cirurgião e professor da Escola Militar e João Florêncio Gomes, diretor do *Ginásio São José* na Bahia. Além deles, Muniz Barreto, Rodolpho Dantas, Araújo Pinto, Arestides Milton, Souza Pitanga, Alves de Carvalho, Teive e Argollo, Baptista Guimarães, Benício de Abreu e outros fizeram jus ao ditado popular: *É pela árvore que se conhece os frutos*.

Após treze anos na direção do Ginásio, no início de 1870, Abilio transferiu a direção do Ginásio para o cônego João Nepomuceno¹³ e deixou a Bahia para se instalar na Corte, fundando o *Colégio Abilio da Corte*. O Rio de Janeiro, nesse período, arrogava-se e tomava para si o papel de informar os melhores hábitos de civilidade, inspirada, sobretudo, pelas ‘luzes’ que pairavam sobre a antiga França Antártica. A Corte tinha suas supostas luzes ofuscadas por uma realidade bastante clara, que foi ressaltada por Schwarcz da seguinte forma:

Não se enganem, portanto, aqueles que pensam que o Rio de Janeiro é Paris. A Corte era uma ilha cercada por ambiente rural, por todos os lados, e a escravidão estava em qualquer parte. No fundo a elegância européia e calculada, convivia com o odor das ruas, o comércio ainda miúdo e uma Corte diminuta, e muito marcada pelas cores e costumes africanos (1989, p.116).

Independente dos problemas e contradições do período, a ‘Corte era a Corte’ e atraía Abilio desde outros tempos, afinal, ele já tinha substituído a Bahia pela capital anteriormente, quando optou por se formar pela Faculdade de Medicina do Rio, além de já pertencer a várias entidades filantrópicas e intelectuais dessa província. O motivo da mudança alegado pelo seu biógrafo Isaias Alves (1942) foi que, em 1870, Abilio recebeu um convite do Imperador Pedro II para assumir a reitoria do *Colégio Pedro II*,

¹³ Apesar de sua estreita e boa relação com a Igreja, essa passagem não foi algo tranqüilo. Abilio queria o pagamento imediato, pois já tinha a intenção de se mudar para a Corte e o cônego exigia mais tempo. Demonstrando mais uma vez sua personalidade forte e decisiva, pressionou o cônego, que conseguiu um empréstimo para o pagamento. Esta desavença foi a causa da mudança do nome do Ginásio para *Colégio São José*. Esse Colégio, que não existe mais na Bahia, funcionou até por volta da década de trinta do século XX.

não tendo aceitado o cargo. Demonstrou, assim, que sua ‘vocação’ não era o funcionalismo público e, sim, o privado, embora tenha ido pessoalmente agradecer ao Imperador o honroso convite. Orgulhoso pela condição de merecer o apoio de S. Majestade e munido da intenção de alargar o campo de ‘seu labor’, inaugurou seu *Colégio Abilio* na capital do Império. Na opinião de seus biógrafos, a idéia de se transferir para um cenário mais largo, ‘menos odiento’ e com menos ‘botes da inveja’ foi uma opção eficaz para espalhar sua influência pelo país inteiro.

De acordo com Gondra (2004), a condição do Rio de Janeiro, cidade considerada anti-higiênica pelas freqüentes epidemias, era motivo suficiente para que não se estabelecessem centros de educação nesta cidade¹⁴. Porém, muitos filhos de outras províncias eram obrigados a residir na Corte durante os longos anos em que se dedicavam as carreiras intelectuais, ficando sujeitos à deletéria ação de um clima diferente da localidade em que nasceram e foram criados, passando rapidamente a apresentar alteração profunda em sua constituição física. Os males não eram atribuídos somente ao clima da Corte, a organização dos internatos também concorria para aumentar as más condições da higiene. Portanto, para atrair alunos, era preciso inserir-se nos padrões ditados pelo controle da higiene. Para Abilio, isso não foi algo difícil, pois sua experiência e convicções pautavam-se nestes princípios.

O Colégio foi descrito com precisão no *Parecer dos Delegados da Inspectoria Geral de Hygiene sobre o Collegio Abilio da Côrte*¹⁵ (1887), que o definiu, primeiramente, de forma incontestável, como o primeiro de seu gênero e o ‘único’ que satisfazia, dentre todos os estabelecimentos visitados na *Freguezia da Lagoa*, as exigências da higiene escolar moderna. A imensa chácara, dividida em dois pavimentos¹⁶, localizava-se no centro da Corte (Botafogo), porém longe do barulho e rumor. A sala de entrada dava as boas vindas aos visitantes (repleta de materiais de ensino importados dos EUA e Europa) e, das ‘largas janelas envidraçadas’, avistava-se a

¹⁴ De acordo com Engel (In: VAINFAS, op. cit.), o Rio de Janeiro desse período costumava ter o cotidiano de seus habitantes associados a doenças e a morte nas teses, nas memórias e nos artigos publicados pela Faculdade de Medicina e pela Academia Imperial de Medicina. A inexistência ou precariedade de sistemas de esgoto, o lixo acumulado nas ruas e praias, os cortiço e casebres, as ruas estreitas e tortuosas, a presença de morros e elevações dificultavam a renovação do ar, tornando-o pesado e insalubre. Na conferência da Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro, em 1887, Abilio registrou a severa epidemia de sarampo, que havia feito mais de trinta baixas entre seus alunos, os ‘pequenos e heróicos’ batalhadores da Lei Nova, afastando-os por mais de dois meses do colégio.

¹⁵ A obra de 37 páginas é mais uma demonstração laudatória do colégio. Evidentemente, Abilio, como médico, sempre manifestou sua preocupação com a questão e fazia por merecer um reconhecimento. O relatório, no entanto, nos pareceu exagerado, pois se referia à perfeição e, certamente, foi esse o motivo pelo qual o médico mandou imprimir o material, pois significava uma boa divulgação para seu estabelecimento.

¹⁶ O relatório esclareceu que o 1º pavimento era bastante elevado do solo, com um porão e sub-solo seco e ventilado, sem umidade, a qual era uma das principais causas do escrofulismo (tuberculose que dava geralmente em crianças e jovens).

baía de Botafogo, de um lado, e, do outro lado, o pátio, permitindo uma vigilância constante do jardim.

O jardim, ou a *chácara arborizada de recreio*, era a atração do colégio. Com mais de mil metros quadrados, dividia-se em nove avenidas por árvores (palmeiras e mangueiras perfeitamente alinhadas, permitindo que as crianças se abrigassem do sol), com chão coberto de areia fina e limpa, espaço sem árvores para não impedir a entrada do sol no interior do colégio e outros elementos que, segundo o relatório, estavam acima das exigências mínimas da inspetoria de higiene. O recreio era dividido em ‘sessões’ correspondentes aos alunos *maiores, médios e menores*. A separação era efetivada durante o tempo todo do recreio pelos inspetores ou vigilantes do colégio.

O jardim, além da recreação, tinha uma ‘utilidade real’ para a educação da infância, pois os alunos, desde cedo, colhiam ali noções de botânica prática, exercitando-se nos trabalhos de cultura elementar¹⁷. Os dormitórios espaçosos, arejados e claros eram divididos em dois salões, abrigando os alunos pequenos e os maiores, comunicando entre si por uma alcova iluminada, à noite, por uma fraca luz central (até o amanhecer). Eram zelados a noite inteira por guardas que se revezavam, exercendo uma vigilância contínua sobre os alunos, de forma que viesse, segundo o parecer de higiene, a garantir perfeitamente a moralidade, o repouso e a tranquilidade durante o sono. As classes, de forma retangular, com dimensões suficientes, além de alegres, claras e arejadas, recebiam luz conveniente, através de largas janelas envidraçadas, de forma que os raios solares atingiam toda as salas, repletas de materiais adequados as matérias lecionadas.

A iluminação interna, tão cuidada neste espaço, era uma outra preocupação dos médicos higienistas que, segundo Gondra, manifestavam-se a favor de uma iluminação natural que trazia inúmeros benefícios à saúde dos alunos, evitando o surgimento de doenças. Portanto condenavam a iluminação artificial como a proveniente de gás, velas de sebo, óleos não purificados e estearina, produtos que deveriam ser substituídos óleos purificados para banir o ar viciado’ das casas e dos colégios.

O Colégio da Corte foi amplamente divulgado em jornais, não só do Rio de Janeiro, como de outras Províncias. Encontramos textos laudatórios, escritos pelo diretor ou por amigos, que propagavam os feitos deste estabelecimento, inclusive no

¹⁷Trabalho, tido pelo relatório, como precioso, tanto para o desenvolvimento como para a saúde e instrução dos meninos. Além de proporcionar uma distração para os mesmos, oferecia conhecimentos úteis sobre a cultura das flores, das hortaliças, árvores frutíferas etc.

jornal *A Província de São Paulo*, dirigido por republicanos não favoráveis aos colégios de Abilio, um símbolo de educação que se colocava a serviços da monarquia, na opinião deles conforme apontou Hilsdorf (1986). O fato de ser uma pessoa *non grata* neste jornal não impediu Abilio de escrever ou copiar artigos de outros jornais que enfatizavam seus feitos e participar das colunas deste veículo da imprensa.

Nem tudo, entretanto, eram flores, pois o artigo intitulado *Colégio Abilio* (20 de Dezembro de 1885, p.2), traçou críticas à análise de Félix Ferreira (amigo de Abilio) da obra *Methodos, Collegios e Compêndios*, que abordava o colégio de Abilio e de seus filhos. O autor do artigo se dizia realmente convencido de que os ‘preconizados educadores’ realizavam uma reforma, sobretudo, no ensino primário, dispondo de um material técnico luxuoso, com apoio da imprensa e de grandes homens do país. Ferreira foi criticado por ter somente propagado as vantagens que o colégio de Abilio oferecia, sem ter feito uma análise crítica da obra. Segundo a matéria era um ‘juízo de risco’ Ferreira proclamar o colégio como o primeiro estabelecimento do gênero na América do Sul, pois este não tinha realmente base para estabelecer comparação com o que havia fora do Rio de Janeiro para o levantamento de ensino infantil. O relatório, que não passava de um *panegírico*, registrou somente o que era bom, ‘obscurando o que era mau’. Em seguida, foi a vez de Abilio:

Tenho acompanhado também, como o auctor, a actividade pedagógica do sr. de Macahubas. Acreditando na sinceridade, com que se esforça pelas reformas, que proclama, estamos convencidos de que no seu estabelecimento, cuja installação material conhecemos, emprega todos os meios contundentes á realização de suas ideas. Um cousa, porém, lhe imputamos a mal: é a *avidez* do annuncio. Não é pela inveja dos lucros que dahi lhe possam advir e advem; é pelo mal que isso traz á causa, que sustenta. O ensino moderno não precisa ser espetaculoso; há nos seus resultados, cousa que vale muito mais no conceito publico do que as grandes collecções de aparelhos e mappas de todo o gênero. O luxo desses meios poe o educador na posição do prestimano, cujas mágicas tanto mais admirada são quanto a mais estranha e espantoso é o *mise-em-scéne* de que se rodea.

O texto criticava Abilio, lembrando que materiais como gabinetes de física e outros, além de difíceis de adquirir, não apresentavam vantagens, pois muitos competentes da Inglaterra, Estados Unidos e França já tinham concluído que materiais dispendiosos eram mais nocivos do que úteis. O ‘luxo’ no material do ensino se constituía em um ‘perigo’ para as modernas teorias pedagógicas.

O jornal *A Província de São Paulo*, esclareceu Hilsdorf, não era contra a utilização dos chamados modernos recursos de ensino, chegando mesmo a noticiar curiosas invenções. A questão era a aplicação da metodologia avançada por uma instituição que apoiava a Monarquia e era favorecida por ela, a exemplo do título de barão¹⁸ recebido por Abilio e das constantes visitas do Imperador e da herdeira do trono em seus colégios. Abilio era um admirador da Monarquia, contudo compactuava com os republicanos na crença de que não haveria democracia sem instrução e de que a solução para a instrução popular não teria que vir do governo e, sim, da iniciativa particular.

O exibicionismo de Abilio também foi alvo de críticas na Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro em 1887. Kosertiz (Apud, BASTOS, 2002, p.50), ao analisar a atuação do Dr. Menezes Vieira, concorrente de Abilio no ramo das atividades de instrução, fez referências à prática de conceder honrarias como títulos de nobreza, questionando se Menezes Vieira, após fazer enorme sucesso na dita exposição, seria feito barão como Abilio. Em seguida o próprio respondeu: “Não o creio, pois ele não sabe se exhibir tão bem como o outro, que desta vez passara seguramente a visconde”.

Raul Pompéia, estudou como aluno interno no *Colégio Abilio da Corte* e contrariando a prática do ensino amoroso e moderno, propagado pelo diretor e por outros, no ano de 1888, publicou *O Ateneu: crônica de saudades*, romance autobiográfico inspirado em sua experiência como aluno neste estabelecimento. O destaque desta obra é para o papel do temido ‘Mestre Aristarco’, proprietário e diretor do Ateneu, um personagem autoritário, egocêntrico e vaidoso, que fazia claramente alusão a Abilio.

Segundo Curvello (1981), não se pode tomar *O Ateneu* como o colégio de Abilio, pois na vida de Pompéia, Abilio gozou de uma relação bem contrária ao ódio que Aristarco despertava no personagem Sérgio¹⁹. Em 1891, quando Abilio morreu, Pompéia dedicou-lhe verdadeira homenagem. Não encontramos nada que Abilio tenha escrito sobre essa obra, porém todos seus homenageadores são unânimes em afirmar que este episódio foi motivo de grande decepção para o barão. Chamado de ‘livro da

¹⁸ Abilio recebeu do Imperador Pedro II o título de barão de Macahubas no ano de 1881 em função de seus préstimos a instrução do Império.

¹⁹ Reis (1996, p.6), ao analisar esta obra, recorrendo à frase de Pompéia, “Não é o internato que faz a sociedade; o internato a reflete.”, colocou-a como a chave do romance. A frase, ao seu ver, faz inverter, exato como um reflexo em espelho redutor, deformante e de motilidade ampla, a leitura ingênua – “é um romance sobre o internato”. A autora exaltou que trata-se de um romance sobre a sociedade, uma sociedade bem determinada de ricos, confundida, por ‘erro sensato’, com a melhor. Examinou ainda o nome do diretor etimologicamente. Aristarco, ao dizer que era o ‘governante dos melhores’, levou a autora a chamar a atenção para as palavras **aristocrata** e **monarca**, cujas raízes *arist* – superlativo de ‘bom’ e *arc* – “governar”, compõem o nome de Aristarco. *Arc* – se relaciona também com a palavra ‘início’, ‘origem’: **arcaico**.

maldade' pelos biógrafos do diretor, *O Ateneu* é identificado como uma crítica injusta e malévola, um meio de Pompéia se promover, fato que causou uma mágoa profunda que Abilio 'levou ao túmulo', pois Pompéia fora um aluno que Abilio distinguira e fizera todo esforço para 'guiar na vida'²⁰.

De acordo com Alves, essa mágoa foi redimida e atenuada pelo seu também antigo discípulo Eduardo Ramos, pertencente à *Academia Brasileira de Letras*, na primeira década do século XX. Ramos, um intelectual inimigo de internatos, considerava este tipo de estabelecimento 'indirigível' por maior que fosse a capacidade de seu diretor. Sobre o romance de Pompéia, Ramos escreveu:

Perlustrei a narração com a curiosidade de uma testemunha que poderia dar seu depoimento sereno, entre um accusador e um accusado, já mortos. Pois bem: o desabono assacado naquella obra é amargamente injusto. O lavor litterario, com suas desigualdades ficará como a expressão de um raro engenho, que não viveu bastante para arrebatat das mãos do odio o resinoso fogaréo accendido para illuminar o seu renome. Dr Abilio (pae), o educador de duas gerações, é exposto por Pompéia como um charlatão ignóbil, cuja cupidez se emplumou na Cortezania para explorar a mocidade no mercantilismo da educação, em um trafico cynico de 40 annos. Erro de biographo; e erro de sociologo. Erro clamoroso de biographo, porque o Dr. Abilio Cesar Borges foi o renovador da educação collectiva no Brasil. Não ha talvez nas instituições pedagogicas actuaes uma só que elle deixasse de entrever e praticar, ha cerca de um seculo. Evidentemente suas intuições tinham de ser tacteantes, algumas vezes grosseiras, como é natural á sua phase emryonaria. O apparecimento desse medico no campo da instrucção attraheu, como por encanto, a attenção de todas as classes cultas da familia brasileira. A divulgação do seu processo educativo feriu de morte os estabelecimentos congeneres da sua epoca, no Norte ao menos. A audacia da sua iniciativa dispersou as corporações do ensino fradesco e truculento, que se obstinavam, entre nós, até o meiado do seculo passado, a immobilizar o pensamento e a energia no ideal classico da mythologia e da latinidade. A figura insolente do novo pedagogo cahiu a fundo sobre a barbaria aviltante do ensino infantil, pelo methodo medieval da flagellação, e o desbaratou. Os instinctos da família encontram por fim, uma expressão social nas reinvidicações desse extranho paladino. Elle foi a certos respeitos um intprete da natureza. Raul Pompeia, entretanto lança-se a esse homem e o esquarteja. Para requintar o supplicio, despe-o primeiramente, e lhe táctua o corpo de estigmas. Ora nem por ser de oiro o estylete, se deve absolver o braço do matador. Nada mais é dannoso á reputação de um artista que embriagar sua phantasia, para fazer della a pregoeira de seu genio. Isso lhe faz correr o risco da imprudencia. A gloria buscada no villipendio mata o escriptor, como as drogas toxicas matam, por fim, aquelles que confiam a seus artificios o semblante da beleza. Eu seria injusto se de tantas reminiscencias que toldaram a madrugada de minha infancia, em oito annos

²⁰ Abilio, por inúmeras vezes, fez com que os alunos repetissem os exames, mesmo após aprovação plena, caso julgasse que estes não obtiveram uma colocação justa. Um deles foi Raul Pompéia, que repetiu quatro vezes o exame de francês, obtendo 'distinção' no último após três notas 'plenamente'.

de internato, não evocasse agora, ao terminar esse capítulo, crepuscular de minha existencia, o semblante seraphico da baroneza de Macahubas, da mamãe Chiquinha, nome caricioso com que a nossa innocencia respondia a sua inexquecivel ternura. Por uma singular coincidencia, seus traços, como os conserva em minha memoria, de annos já tão distantes, assemelham-se aos que Canova, o celebre esculptor italiano, julgou mais acertados á obra-prima da sua Vestalis. Tenho uma copia de tamanho natural em meu gabinete de trabalho. Estou a vel-a aqui. Levanto-me para depôr junto a ella um ramo de violêtas. (Apud, RIGHBA, op. cit., p. 215-216).

Não é nossa intenção discutir se o teor do romance de Pompéia era realidade ou ficção, tampouco argumentar sobre a veracidade de suas memórias²¹. Porém ao percorremos a referida obra, não podemos deixar de estabelecer algumas relações com o que investigamos sobre Abilio e seu colégio. Assemelham-se as solenidades da entrega de prêmios, os reclames de Aristarco pelo não reconhecimento de seus sacrifícios, os discursos contra a imoralidade, a erudição do diretor, as aulas de ginástica, os aparelhos modernos do internato, as missas nos domingos, a biblioteca, as festas literárias etc.

Schueller (2001, p.18) fez referências também aos nomes, citados no episódio, relatados por Pompéia, dos exames preparatórios, tão criticados por Abilio: “Que barbaridade aquela conspiração toda contra mim, o Matoso, o Neves Leão, as comissões qual mais poderosa e carrancuda”. José Mattoso Duque-Estrada era um oficial da secretaria. de instrução primária e Neves Leão era secretário da Instrução Pública da Corte. Andrade (1974) citou como exemplo os desenhos de Pompéia que pareciam dar ao *Ateneu* a fisionomia arquitetônica do colégio Abilio.

Após dez anos na direção do *Colégio Abilio da Corte*, em 1880, Abilio resolveu transferir-se para Barbacena²². Em 1881, instalou o *Colégio Abilio* na cidade de Barbacena, em Minas Gerais. O motivo, de acordo com seus biógrafos, foi sua saúde que, desde a década de sessenta, já apresentava problemas. A Corte acabava de sair de

²¹ Sobre isso, ver artigo de Gondra, J, Arquivamento da vida escolar: um estudo sobre *O Atheneu*, In: Vidal e Souza (orgs). *A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.33-58.

²² A transferência não aconteceu sem conflitos. Ao se indispor, em 1877, com o proprietário do prédio, o barão de Irapuá, Abilio fez sociedade com Ephifanio Reis (que antes havia sido professor no Pedro II), que assinou o contrato de arrendamento do prédio, ficando no lugar de Abilio durante uma viagem deste para a Europa, em 1878. Os dois, entretanto, também se desentenderam. Em uma longa e dura carta enviada a seu sócio em 1879, Abilio fez sérias ponderações a respeito das contas do colégio, lembrando que onde há interesses pecuniários, há sempre a possibilidade de algum desacordo em uma sociedade, e que “As boas contas fazem os bons amigos”. Acusou-ode estar sempre a sua sombra, gastando o que não podia, abusando com empréstimos, retirando dinheiro do Colégio sem medida conveniente etc. Chamando-o sempre de ‘meu amigo’, Abilio concluiu: “Lembro que o meu amigo tachou-me uma vez de cruel com os pobres, quando eu em minhas reluctancias para satisfazer as exigências de dinheiro, cheguei a dizer-lhe que nem para sua Mãe devia mandar dinheiro, não o tendo, porque (disse eu) *Nemo dat quando non habet*. Quem não tem cabras não póde vender cabritos. Mas nunca é crueldade dizer aos amigos verdades, embora nuas e cruas, uma vez que lhes possam aproveitar: ainda que desagradando-os, é bom serviço” (Apud RIGHBA, op. cit., p. 393-396). O fato de ter sido chamado pelo ‘amigo’ de ‘cruel com os pobres’, evidencia que sua tolerância não se estendia às ‘exigências do dinheiro’.

um surto epidêmico de febre amarela (1873-1876), o qual manifestava, sobretudo nos verões com capacidade destrutiva. As epidemias, sobretudo a tuberculose, amedrontavam os moradores da Corte, que buscavam ares mais saudáveis para se livrar ou mesmo para se curar da tuberculose²³.

Contudo, não podemos deixar de considerar um outro motivo que pode ter influenciado sua mudança para Minas Gerais: o recebimento do título de barão por esta província. Pois, foi no ano de 1871 que o barão da Vila de Barra, médico, natural da mesma cidade baiana em que Abilio atuou na década de cinqüenta, enviou-lhe uma carta, indicando seu nome para receber o título em função de seus serviços prestados à ‘instrução mineira’. Nesse período, Abilio atuava como diretor, no Rio de Janeiro, em seu *Colégio Abilio*, e a única pista que temos dos serviços que prestou para a instrução mineira foi a doação de 8.000 exemplares de seus livros enviados a essa província.

No período de 1875-1876, o barão de Vila da Barra, que já tinha sido médico da câmara imperial e mantinha estreita relação com o Imperador, era o presidente da Província de Minas e o título de barão foi concedido a Abilio no mesmo ano que ele se mudou para Barbacena a fim de lá fundar seu *Colégio Abilio*, em junho de 1881. Ou seja, pode ter havido uma articulação do ex-presidente da Província para a mudança de Abilio para Minas Gerais, favorecendo, assim, o recebimento do título por ele.

De qualquer forma, apoiado pelo amigo Visconde de Lima Duarte, médico, deputado mineiro, líder do partido Liberal, integrante do Conselho do Império e Ministro da Marinha, Abilio criou, na cidade, uma ‘réplica’ dos seus colégios anteriores. Escolheu Barbacena²⁴, uma cidade na Serra da Mantiqueira e que, devido ao seu clima favorável, oferecia uma garantia de saúde para ele próprio e para seus pupilos. Em uma matéria do jornal *A Província de São Paulo* (20 de Dezembro de 1881, p.1), o diretor comunicou aos pais de família a abertura de seu estabelecimento, ressaltando a compra do edifício do antigo *Colégio Providência*²⁵, que fora restaurado, ampliado e

²³ A tuberculose foi a causa de cerca de 29.916 mortes, número que superou as duas doenças epidêmicas mais importantes da época, a febre amarela, que vitimou 14.541 e a varíola, que matou 6.618.

²⁴ Fundada em 1698, na fazenda da Borda do Campo, arraial de Nossa Senhora da Piedade, no Arraial da Borda do Campo, em 1791, transformou-se na Vila de Barbacena, em homenagem ao Governador Visconde de Barbacena. No século XIX, em 1842, Barbacena tornou-se referência política do movimento liberal na propaganda republicana no Império, revoltando-se contra o poder central com campanha abolicionista. Ficou famosa pelo clima, apreciado por veranistas e pessoas enfermas.

²⁵ O *Colégio Providência*, localizado em um grande casarão colonial nas montanhas, foi inaugurado por padres em 1874. Após a saída de Abilio, este prédio, foi assumido pela *Sociedade Educadora Mineira*, voltando a ter o antigo nome. Em 1890, já no Brasil República, o prédio e as terras foram doados para o governo de Minas Gerais, que ali instalou o *Ginásio Mineiro*, o qual funcionou até 1913, quando o espaço foi transferido para o governo federal instalar o *Colégio Militar de Barbacena*. Em 1949, o Ministério da Aeronáutica instalou a *Escola Preparatória de Cadetes do Ar* – EPCAR – que permanece até os dias atuais.

modificado para abrigar especificamente o colégio filial. Segundo o diretor, não seriam poupados esforços para equipar o colégio com material moderno de primeira ordem e com um grupo docente ‘escrupulosamente’ escolhido.

Os alunos, tanto do colégio da Corte como de Barbacena, poderiam passar de um ao outro em qualquer momento, seja por motivo de moléstia, pela conveniência dos exames ou desejo dos pais, arcando somente com a despesa do transporte. A festa de inauguração foi largamente divulgada na imprensa²⁶. Os jornais de Minas Gerais e de outras províncias davam continuidade à prática de anunciar, de forma laudatória, o aspecto físico do colégio, suas festas e atividades comemorativas²⁷. O teor das matérias não se diferenciava. O ambiente, onde cerca de 400 meninos estudavam, era descrito como um lugar onde o asseio, a ordem e o conforto, a religião e a ciência reinavam, tornando esse um estabelecimento ideal para os filhos da elite mineira²⁸.

A direção do colégio, segundo o anúncio, caberia ao próprio Abílio que, embora fosse residir em Barbacena, visitaria e inspecionaria o colégio do Rio de Janeiro com frequência. Contudo Abílio não fixou residência em Barbacena, embora possa ter morado lá no princípio, pois Afonso Arinos Franco, ao escrever a biografia de seu pai, Afrânio de Melo Franco, narrou uma parte de seus estudos no colégio de Barbacena no ano de 1883 (onde permaneceu até 1886). A respeito do barão registrou:

O barão de Macaúbas vinha a Barbacena mensalmente. Tinha uma casa na praça, que era, a mesma que morou, o juiz Melo Franco. Dela descia para o colégio o Aristarco do *Ateneu*, metido na sua sobrecasaca e montando um cavalinho tordilho. Os meninos gostavam destas visitas, pois o barão, em comemoração à própria chegada, num largo gesto bem a Aristarco, costumava ordenar a suspensão das aulas pelo resto do dia (1977, p.159)²⁹.

²⁶ No mês de janeiro e fevereiro de 1881, circularam no jornal *A Província de São Paulo* publicações de outros jornais que anunciavam o brilhantismo da festa, desde a celebração da missa de abertura, dos discursos pronunciados por ilustrados e pelo diretor, até a presença de membros da mais ‘seleta’ sociedade de Barbacena.

²⁷ Ver no jornal *A Província de São Paulo* algumas matérias a este respeito: 7 de julho de 1885, p.2; 29; de julho de 1885, p.1 ; 12 de setembro de 1886, p.2.

²⁸ No jornal *A Província de São Paulo* (7 de julho de 1885, p.2), uma outra matéria, (extraída do *Jornal do Comércio*) intitulada *Collegio Abílio de Barbacena*, o juiz de direito de Cabo Frio louvava o estabelecimento. Acompanhado de amigos ilustres (O senador Lima Duarte, dr. Mello Franco, Conselheiro Monsenhor José Augusto, Dr. Jardim, Dr. Coutinho, barão de Caranday, Dr Virgílio de Mello e Franco, Teixeira de Carvalho, Dr. Antonio Carlos e Prestes Pimentel, farmacêuticos Gomes de Souza), visitou o colégio de Barbacena e, no mesmo ano, acompanhou seu amigo Theophilo Ottoni que, de passagem pela cidade para assumir a presidência de Minas Gerais, não deixou de visitar aquela casa de educação pregada como modelo. Percorreram todos os cômodos da casa, onde observaram todos o preceitos de higiene e também assistiram às aulas e a outras atividades dos inteligentes meninos. Além de estar cercado pela natureza e bons ares, ressaltou o juiz, Abílio estava cercado por homens inteligentes que sabiam reconhecer seu trabalho magnífico. O juiz garantiu que colocara o filho para ser educado no estabelecimento, não pelo fato de ter visto pomposos anúncios, mas pelo que já tinha visto em 1883 e novamente via em 1885.

²⁹ Apesar da ironia de Arinos, o mesmo registrou (ibid, p.157-158): “Abílio, apesar de seus exageros exibicionistas, foi sem dúvida um inovador na história da nossa pedagogia. Introduziu, no ensino, a ginástica sueca, o batalhão escolar militarizado, o estudo da música e outros progressos. Procurou tornar mais eficaz o ensino das línguas vivas, com a adoção de métodos novos, fazendo igualmente tentativas de ensino prático, com o uso de quadros, gráficos, e demais processos do gênero.”

Apesar do sucesso, o *Colégio Abilio* de Barbacena não durou muito tempo, encerrando suas atividades em oito anos. A decisão do barão em deixar a cidade serrana causou várias manifestações. A Câmara Municipal dirigiu-lhe, em julho de 1888, um ofício solicitando sua permanência e a continuidade do Colégio, que trazia tantos benefícios à comunidade mineira:

Illmo. E Exmo. Sr.

A Camara Municipal de Barbacena, ao saber que V. Sra. Pretende transferir sua residencia e do Collegio Abilio para o Rio de Janeiro resolveu, por sessão de honra e por unanimidade de votos, dirigir-se a V. Exa., manifestando-lhe pezar que lhe produziu tão desagradavel noticia, tendo-se habituado a ver a pessôa de S. Exa. e em seu conceituado estabelecimento de instrucção verdadeiros elementos de ordem, progresso e prosperidade geral e em particular para este municipio. Mas a Camara nutrindo ainda a esperança de que a resolução de V. Exa. não seja irrevogado, resolveu dirigir-se a V. Exa. não só para agradecer-lhe os relevantes serviços em geral á instrucção publica e particularmente a esta cidade, como também apresentar-lhe em nome do Municipio o pedido de continuar a permanencia nelle, mantendo sua residencia e o Collegio Abilio, que tantos serviços tem prestado (Apud RIGHBA, op. cit., p.212).

Por esta circular, percebemos a importância atribuída a esse estabelecimento por parte da classe política local, importância a dada também pela imprensa, que comunicou com pesar aos seus leitores do jornal *O Mineiro* o fim do Colégio em agosto de 1888:

Damos aos nossos leitores com profundo pezar a desagradavel noticia da transferencia do Collegio Abilio para a capital. Seu illustrado director Exmo. Sr. Barão de Macahubas tendo sobre os seus hombros outros encargos, relativos á educação da mocidade reconheceu a grande difficuldade de dirigir pessoalmente os seus dois grandes estabelecimentos. O fechamento do Collegio Abilio é incontestavelmente um grande mal para Barbacena que durante quase oito anos teve a felicidade de conviver com o brasileiro ilustre, justamente considerado como um dos mais conspirados educacionistas da America do Sul (Ibid, p.212).

A cidade de Barbacena, segundo os dados levantados, tem como marco na história da educação a década de oitenta do século XIX, devido à instalação do estabelecimento do ‘ilustre educador’ do Império, tanto que, três décadas mais tarde, Abilio continuava presente na memória dos mineiros, pois foi inaugurado, em 1921, o

Grupo Escolar Barão de Macahubas, na cidade de Belo Horizonte em sua homenagem.³⁰

De volta ao Rio, reassumiu a direção de seu estabelecimento em Botafogo, intitulado-o de *Novo Colégio Abilio*. Esse colégio foi dirigido formalmente, desde que fundou seu colégio em Barbacena, por seus dois filhos, Joaquim e Abilio Cesar Borges Filho³¹. No entanto Abilio nunca deixou de estar presente na direção. Afirmamos isso devido a sua presença constante em exposições e outros momentos, sempre à frente do colégio, muitas vezes, representando os dois estabelecimentos. Joaquim e Abilio Filho fizeram parte da comissão de instrução do Governo Imperial e percorreram vários lugares, sobretudo os principais estados dos Estados Unidos, de onde trouxeram ricos aparelhamentos para o colégio. Os Borges continuaram à frente do Colégio até 1911.

Ao tomarmos contato com este breve relato da estrutura dos colégios que Abilio dirigiu, fica evidenciado a importância destes na história da educação do período imperial. Não podemos, todavia, perder de vista que os estabelecimentos e os pupilos de Abilio, compunham um quadro particular, constituindo muito mais uma exceção do que uma regra no interior de uma sociedade escravista, na qual os estabelecimentos escolares públicos iam conquistando seus espaços a muito custo e com muita dificuldade.

A realidade dos espaços físicos e dos equipamentos das escolas públicas do período, difundida em estudos e pesquisas, aponta escolas, muitas vezes, como extensão da casa do professor, em paróquias ou casas de comércio, mal localizadas, insalubres, mal iluminadas, mal ventiladas, com móveis toscos, como bancos em torno de mesas rústicas, nada ajustados aos pequenos alunos. Essas escolas eram desprovidas de materiais básicos como quadros, mapas, e outros aparatos e seus ambientes, sem jardins e sem flores, em nada lembravam os hábitos de ordem, com brincadeiras infantis sadias,

³⁰ O presidente do Estado, Arthur Furtado, proferiu um discurso que foi publicado no *Jornal Minas Geraes* de nove de setembro do mesmo ano. Ao homenagear a memória do diretor na “sumptuosa Capital da terra de Tiradentes”, ressaltou que, ao instalar o “Colégio Abilio Filial” em Barbacena, Abilio, traduziu o desejo de ver a infância mineira educar-se no culto dos ‘insignes e abnegados patriotas’, prestando serviço vital ao nacionalismo: “Fazendo irradiar pela Terra Mineira a acção bemfazeja de seu grande espírito e de seus métodos educativos. Dalli sahiram para os cursos superiores estudantes que se chamavam Francisco Mendes Pimentel, Gastão da Cunha, Afranio de Mello e Franco, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada e muitos mais que aqui e além, honram a nossa cultura intellectual. Nos livros que espalhou, a mãos-cheias, pelas cidades e pelos sertões, aprenderam a ler milhares de brasileiros. Outros, dezenas de outros, estudaram e se formaram ás suas expensas” (RIGHBA, op. cit., p.406).

³¹ Quanto ao fato de seus filhos continuarem sua carreira, o barão registrou em carta a Félix Ferreira (Apud ALVES, op. cit., p.113): “Nunca procurei atrair nenhum dos meus filhos ao magistério; nunca preparei de caso pensado nenhum deles para meu sucessor, posto os familiarizasse sempre com minha profissão. Formando um em direito e outro em matemáticas, deixei-lhes, antes de tudo, os meios de seguirem se lhes parecesse, melhor carreira; preferindo porém ambos a minha, auxiliei-os, como me cumpria, na fundação de um bom colégio”.

assim como não facilitavam o cultivo dos modos ‘civilizados’ postos como ordem do dia para o progresso da nação.

Ao assumir a posição de proprietário de colégios, Abilio armou-se de argumentos para fazer de seus colégios verdadeiros ‘ninhos de águias’, obviamente, águias já nascidas e provindas de ninhos abastados. A presença do Estado na instrução, com sua baixa capacidade de investimento e políticas pulverizadas, pode ter contribuído para o sucesso de seus estabelecimentos. Somou-se a isso a propaganda ostensiva e uma organização institucional movida pela ansiedade de seu diretor intelectual, influente, cristão, rico e que tinha a instrução como sentido de sua própria vida. Conforme ele mesmo registrou, a instrução era seu sacerdócio, embora essa dedicação não se estendesse da mesma forma a todas as classes sociais.

Assim como o diretor Abilio, outros proprietários de estabelecimentos privados criaram colégios fabulosos, nos quais a realidade escravista do Brasil imperial ‘parecia’ desaparecer em meio a métodos modernos, professores qualificados, materiais importados, bibliotecas fartas e crianças coradas e sadias, que praticavam esportes e liam Camões. Este contraste era facilmente percebido nos anúncios destes estabelecimentos na imprensa. No jornal *A Província de São Paulo*, localizamos propagandas dos colégios em meio aos anúncios de aluguel de meninos e meninas escravos para pajem, escravos fugidos e amas de leite.

A estrutura dos colégios de Abilio estava em perfeita sintonia com as práticas higienistas oitocentista investigadas por Gondra (2004), de acordo com as quais educar e civilizar convergia para um único fim, o de eliminar os fatores adversos e produzir um futuro novo e grandioso, para os indivíduos, para a sociedade e para o Estado. E esta finalidade só seria atingida caso a educação escolar funcionasse como um verdadeiro ‘decalque’ do projeto construído em nome da racionalidade médico-higiênica. Se tal projeto fosse medido, controlado, integrado e hierarquizado, esse modo de intervenção funcionaria como um efetivo programa civilizador, instituindo nos trópicos uma réplica complexa do que, então, era considerado como um padrão civilizatório a ser disseminado, imposto e adotado no mundo ocidental.

Abilio formou uma geração que almejava realizar, é só recorrer ao grande número de discípulos que chegaram a funções eminentes da política e da administração, ex-alunos que não só ocuparam cargos das culminâncias do ‘saber’, como, principalmente, do ‘poder’. Abilio cumpriu o que pretendeu: formar lideranças para assumirem a frente das questões políticas e outras do país.

Fontes

- ALVES, I. *Vida e obra do barão de Macahubas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.
- BORGES, A.C. *Relatorio sobre a Instrução Publica da Bahia apresentado ao ILL.^{mo} e Ex.^{mo} SNR Presidente Commendador Alvaro Tiberio de Moncorvo e Lima*. Bahia: Typographia de Antonio Olavo da França Guerra e Comp., 1856
- BORGES, A. C. *Conferencia feita pelo Barao de Macahubas a 7 de outubro de 1883*. Bruxelas:Typographia e Lythographia E. Guyot, 1887,
- BORGES, A. C. *Vinte e dous annos de propaganda em prol da elevação dos estudos no Brazil*. 1880. Typographia a vapor e Pereira Braga & Cia, 1880,
- BORGES, A. C. *Collecção de discursos proferidos no Gymnasio Bahiano*. Paris: Vva J. P. Aillaud, Guillard, 1866c.
- BORGES, A. C. *Vinte annos de propaganda contra o emprego da palmatoria e outros meios alvitantes no ensino da mocidade*. Bruxelas:Typographia e Lythographia E. Guyot, 1880.
- CATALOGO da Secção do Collegio Abilio na Exposição Pedagogica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883.
- JORNAL A Província de São Paulo. 1875-1889.
- MOACYR, P. *A instrução e as províncias (1835-1889)*. II Vol. (Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo). São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939.
- PARECER dos Delegados da Inspectoria Geral de Hygiene sobre o Collegio Abilio da Côrte. Rio de Janeiro: Typographia de G. Leuzinger & Filhos, 1887.
- REVISTA DO INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DA BAHIA (RIGHBA). Numero especial dedicado ao barão de Macahubas. Bahia: Imprensa Official do estado, 1925.

Bibliografia geral

- ALVES, L. A. (Org.) *O ginásio baiano de Abílio César Borges* (Antologia). Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2000.
- ANDRADE, M. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 1974.
- BASTOS, M.H.C. *Pro Pátria Laboremus: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.
- BUFFA, E.; PINTO, G. A. *Arquitetura e educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893*. São Carlos: EdUFSCar, 2002.
- CARVALHO, J. M. de. *A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro de sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, Relume-Dumará, 1996.
- DUARTE, S.G. *Dicionário brasileiro de educação*. Rio de Janeiro: Edições Antares: Nobel, 1986.
- ENGEL, M. G. Epidemias. In: VAINFAS, R. (Org.) *Dicionário do Brasil imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p.231-233.
- FARIA FILHO, L. M.(Org.). *A infância e sua educação: materiais, práticas e representações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- FRAGA FILHO, W. *Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX*. São Paulo: Hucitec; Salvador: EDUFBA, 1996.
- FRANCO, A.A. de M. *Um estadista da República: Afrânio de Melo Franco e seu tempo*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.

- GONDRA, J.G. Abilio César Borges. In: FÁVERO, M.L.A.; BRITTO, J. M. (Org.) *Dicionário de educadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-Inep, 1999, p.29-38.
- GONDRA, J.G. Arquivamento da vida escolar: um estudo sobre *O Atheneu*. In: VIDAL, D. (Org). *A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.33-58.
- GONDRA, J.G. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte imperial*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- HAIDAR, M.L.M. *O ensino secundário no Império brasileiro*. São Paulo: Grijalbo/Ed. da Universidade de São Paulo, 1972.
- HILSDORF, M.L.S. *Francisco Rangel Pestana: jornalista, político, educador*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 1986.
- MATTOSO, K. M. de Q. *Bahia, século XIX: uma província no Império*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992.
- MEIRELLES, C. *Rui: pequena história de uma grande vida*. (S.l.:s.n),1949. Centre National de Documentation Pédagogique, 1979.
- PINHO, W. A Bahia (1808-1856). In: HOLANDA, S. B. *O Brasil Monárquico: dispersão e unidade*. Rio de Janeiro - São Paulo: DIFEL, 1978, p. 242-314.
- POMPÉIA, R. *O Atheneu* (Ed. definitiva conforme o original dos desenhos deixados pelo autor) Rio de Janeiro: Francisco Alves & C^{ia}, 1905.
- REGO, J.L. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- REIS, Z.C. Opostos mas justapostos. In: POMPÉIA, R. *O Ateneu*. São Paulo: Editora Ática, 1996, p.3-8.
- SCHUELLER, A. F.M. A Associação protetora da infância desvalidada e as escolas de São Sebastião e São José. In: MONARCHA C. *Educação da infância brasileira*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- SCHWARCZ, L. M. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, E. *Dom Oba II D'África, o príncipe do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- TAVARES, L.H.D. *História da Bahia*. São Paulo: Ática, 1963.
- TEIXEIRA, A. Um educador: Abilio Cesar Borges. *Revista brasileira de estudos pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.18, n.47, p.150-155, jul./dez.1952.
- VIDAL, D.; FARIA FILHO, L. M. *As lentes da história: estudos da história e historiografia da educação no Brasil*. Campinas.SP: Autores Associados, 2005.



Figura 1: Dr. Abilio Cesar Borges (Vila de Minas do Rio de Contas/BA 09-09-1824/
Rio de Janeiro 17-01-1891).

COLLEGIO ABILIO
DA CORTE
1885

CORPO DOCENTE NO CORRENTE ANNO E MATERIAS DO ENSINO
60 AULAS REGIDAS POR 28 PROFESSORES

INSTRUCÇÃO PRIMARIA
CURSO ESPECIAL

<p>ENSINO PRATICO DA LINGUA MATERNA</p> <p>João José Pereira de Azurara Alfredo Barreto de Paiva Manoel E. Pinto Braga Pedro Guimarães Lobo</p> <p style="text-align: center;">CALCULO ARITHMETICO (NO CONTADDER E NO FRACCIDMETRO)</p> <p>José C. Soares Ferreira Francisco Ferreira da Rosa Marcos Martini</p> <p style="text-align: center;">GEOMETRIA PRATICA</p> <p>José C. Soares Ferreira Francisco F. da Rosa Marcos Martini</p> <p style="text-align: center;">INGLEZ PRATICO</p> <p>Dr. Abilio Cesar Borges Theophilo de Almeida Torres</p>	<p style="text-align: center;">FRANCEZ PRATICO</p> <p>François X. Fabre Theophilo de Almeida Torres Miguel Abilio Borges</p> <p style="text-align: center;">CALLIGRAPHIA</p> <p>Domingos José Lisboa João José Pereira de Azurara Pedro Guimarães Lobo</p> <p style="text-align: center;">GEOGRAPHIA E COSMOGRAPHIA</p> <p>José Rabello Leite Sobrinho José C. Soares Ferreira</p> <p style="text-align: center;">INSTRUCÇÃO ORAL SCIENTIFICA (CONHECIMENTOS UTIS — LIÇES SOBRE OBJECTOS)</p> <p>Dr. Joaquim Abilio Borges NÓÇES DE ANATOMIA E PHYSIOLOGIA Theophilo de Almeida Torres</p>
---	--

O Barão de Macahubas rega pessoalmente este curso uma semana em cada mez.

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA

<p style="text-align: center;">PORTUGUEZ</p> <p>Dr. Francisco Lino S. de Andrade Domingos José Lisboa</p> <p style="text-align: center;">FRANCEZ</p> <p>Jacinto Cardoso da Silva Dr. Abilio Cesar Borges François X. Fabre</p> <p style="text-align: center;">INGLEZ</p> <p>James E. Hewitt Dr. Abilio Cesar Borges F. H. Lips</p> <p style="text-align: center;">LATIM</p> <p>Dr. Francisco Lino S. de Andrade José C. Soares Ferreira</p> <p style="text-align: center;">ALLEMIÃO</p> <p>F. H. Lips</p> <p style="text-align: center;">ITALIANO</p> <p>Marcos Martini</p>	<p style="text-align: center;">MATHEMATICAS</p> <p>Dr. João Bernardo de Azevedo Coimbra Jacinto Cardoso da Silva</p> <p style="text-align: center;">GEOGRAPHIA E COSMOGRAPHIA</p> <p>José Rabello Leite Sobrinho Jacinto Cardoso da Silva</p> <p style="text-align: center;">PHILOSOPHIA</p> <p>Dr. Joaquim Abilio Borges</p> <p style="text-align: center;">RHETORICA E POETICA</p> <p>Dr. Joaquim Abilio Borges</p> <p style="text-align: center;">HISTORIA</p> <p>Dr. Joaquim Mendes Malheiros Carlos Harold de Abreu</p> <p style="text-align: center;">SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES</p> <p>Dr. Pedro Barreto Galvão</p> <p style="text-align: center;">INSTRUCÇÃO CIVICA</p> <p>Dr. Joaquim Abilio Borges</p>
---	--

Todas as sextas-feiras, das 6 às 7 horas da tarde, ha conferencias sobre phenomenos physicos e historia natural com demonstrações nosappareltos, e diante dos objectos naturaes, de modelos ou estampas.
O dr. João Bernardo d'Azevedo Coimbra explica no collegio, em curso especial, as materias do curso Anexo da Escola Polytechnica.

BELLAS-ARTES

<p style="text-align: center;">DESENHO</p> <p>Manoel Teixeira da Rocha</p> <p style="text-align: center;">PIANO</p> <p>J. J. Fernandes e Souza</p>	<p style="text-align: center;">MUSICA VOCAL</p> <p>Norberto Amancio de Carvalho</p> <p style="text-align: center;">MUSICA INSTRUMENTAL</p> <p>Norberto A. de Carvalho</p>
--	---

EDUCAÇÃO PHYSICA
(GIMNASTICA, EXERCICIOS MILITARES, ESCRIMA)
Vicente Casali

INSPECÇÃO DE ALUMNOS

João A. de Siqueira e Silva
Pedro Guimarães Lobo
Marcos Martini
Manoel E. Pinto Braga

Rio, 6 de Fevereiro de 1885.

OS DIRETORES,
Abilio Cesar Borges.
Joaquim Abilio Borges.

Figura 2 Anúncio do *Colégio Abilio da Corte*. Em outros anúncios era anexado o valor da anuidade a ser paga, com a referência: "Pagamento à vista" (Fonte *Jornal A Província de São Paulo* – Arquivo Edgar Leuenroth – Unicamp/Campinas).

COLLEGIO ABILIO DE BARBACENA

CORPO DOCENTE

<p style="text-align: center;">Instrução primária</p> <p>Classes de principiantes, d. Luiza G. de Góes, formada pelo Internato Normal da Bahia e Joaquim Gomes Michaeli. Classé de provecetos, Eduardo Corrêa Barreiros.</p> <p style="text-align: center;">Francez</p> <p>Classes praticas e de versão, bacharel Charles Thoulouzé. Classes de grammatica e traducção, engenheiro Arthur Begbie.</p> <p style="text-align: center;">Inglez</p> <p>Classes praticas e de versão, John Blunk. Classes de grammatica e traducção, engenheiro Arthur Begbie.</p> <p style="text-align: center;">Latim</p> <p>Classes de principiantes, Eduardo Corrêa Barreiros Classes de provecetos, Aureliano P. C. Pimentel.</p> <p style="text-align: center;">Allemao</p> <p>Major Mascheck.</p> <p style="text-align: center;">Geographia</p> <p>Eduardo Corrêa Barreiros.</p> <p style="text-align: center;">Cosmographia</p> <p>José Augusto D. Castanheira.</p>	<p style="text-align: center;">Historia</p> <p>Bacharel Charles Thoulouzé.</p> <p style="text-align: center;">Mathematicas elementares</p> <p>José Augusto Durães (Castanheira). Bacharel Charles Thoulouzé.</p> <p style="text-align: center;">Philosophia e rhetorica</p> <p>Aureliano P. C. Pimentel.</p> <p style="text-align: center;">Desenho</p> <p>Major Mascheck.</p> <p style="text-align: center;">Musica vocal e instrumental</p> <p>José Leandro Martins Filgueiras.</p> <p style="text-align: center;">Gymnastica e dança</p> <p>Henry Stockman.</p> <p style="text-align: center;">Vice-director</p> <p>Engenheiro Abilio Cesar Borges.</p> <p style="text-align: center;">Prefeito dos estudos</p> <p>Antonio M. de Saraiva Sampaio.</p>
---	--

O director occupa-se tambem diariamente do ensino de varias materias, e faz conferencias semanais sobre economia social, historia natural e conhecimentos utels ou lições de cousas.
Barbacena, 8 de abril de 1881.

Dr. ABILIO CESAR BORGES.

Figura 3 Anúncio pago do *Colégio Abilio de Barbacena*. Nota-se a importância de divulgar especificamente a instrução primária (Fonte: *Jornal A Província de São Paulo* – Arquivo do Estado de São Paulo – São Paulo/SP).

COLLEGIO PARA MENINAS

S. PAULO

DIRIGIDO POR
Francisco Rangel Pestana

D. DAMIANO RANGEL PESTANA

Abriu-se no dia 3 de Abril do corrente anno, na espacosa casa n. 31 da rua de Boa-Morte, este estabelecimento de educacão e figurado, sendo os directores auxiliados no ensino por tres senhoras, uma franceza, uma inglesa e uma allemã, as quaes ensinao no mesmo edificio.

Além das professoras habilitadas para leccionar diversas materias e especialmente as linguas, alguns cavalheiros distinctos, professores praticos, cooperarao como director no ensino das sciencias que fazem parte do seguinte programma:

<p>PRIMEIRO ANNO</p> <p>Portuguez, arithmetica, scriptura, costuras e crochet.</p> <p>SEGUNDO ANNO</p> <p>Portuguez, francez, inglez, historia, arithmetica, geographia, desenho linear e calligraphico, costuras, tapacaria e fillet.</p> <p>TERCEIRO ANNO</p> <p>Portuguez, francez, inglez, arithmetica, geographia, desenho, costuras, tapacaria e fillet.</p> <p>QUARTO ANNO</p> <p>Portuguez, francez, inglez, arithmetica, geographia, desenho, costuras, tapacaria e fillet.</p> <p>QUINTO ANNO</p> <p>Portuguez, francez, inglez, arithmetica, geographia, desenho, costuras, tapacaria e fillet.</p>	<p>SEXTO ANNO</p> <p>Litteratura, botanica, zoologia, repeticao de algumas materias de anno anterior e exercicios praticos de ensino.</p> <p>As lições de castelhamo são dadas em dias determinados, attendendo-se a facilidade para assim como a frequencia das faltas, e sem-offensa de creanças daquelles.</p> <p>A mais perfeita regularidade será observada no ensino religioso, tomado elle como elemento da educacão.</p> <p>O folhetto que se distribuirá brevemente, explicará em todos os seus detalhes o programma que ha de ser executado conforma as regras dos methodos da uniao, seguidos geralmente em Suissa, Alemanha e Estados Unidos.</p> <p>CONDICÖES DE ADMISSÃO</p> <p>Internas, por semestre: 800\$000 Externas, passando 3 dias ao collegio, por trimestre: 100\$000 Boupa lavada e engomada, por conta do pais. Para elegancia dos dormitórios e regularidade dos servicos, o collegio fornecerá cama, lavatorios, bacias, etc. implantando a quantia de 800\$000. Esses objectos podem tambem ser fornecidos pelos proprios paes dos correspondentes, conforme o modelo offerecido pelo collegio.</p>
---	--

Pagamentos adiantados

Collegio Azurára

RIO NOVO

DIRECTOR

JOSÉ JOAQUIM PEREIRA DE AZURARA

CORPO DOCENTE

Drs. Leonco Pinheiro e Angelo Pinheiro, capitão Auto Rangel, padre Antonio Xavier, Francisco Sandoval, Cosme Pinheiro, Luiz Lopes, Euphrasio Gomes da Silva e o director.

CURSO SECUNDARIO

Portuguez, francez, inglez, italiano, latim, geographia, cosmographia, mathematicas elementares, historia universal, rhetorica, litteratura nacional e philosophia.

CURSO PRIMARIO

Leitura, calligraphia, contabilidade, noções de cousas, geographia, historia do Brazil, noções de grammatica portugueza e moral christã.

CURSO DE ARTES

Desenho, musica e gymnastica.

CURSO COMMERCIAL

Escripturação mercantil por partidas dobradas.

CONDICÖES DE ADMISSÃO

Curso secundario, primario ou commercial—pensionistas—100\$000, meio pensionista—80\$000, externos—10\$000. Ensino de artes—gratis.

Tambem se ensina a tocar piano ou outro qualquer instrumento de musica a 30\$000 por trimestre.

O alumno pensionista pagará mais uma joia de matricula de 40\$000, pelo que dar-lhe-á o Collegio cama, lavatorio, etc. e os outros, a joia de 10\$000.

Pennas, papel, lapis e tinta, por conta do Collegio; livros, medico e botica, por conta do alumno.

O ensaio do pensionista—a contento de sua familia.

Ao chefe de familia que matricular mais de tres alumnos far-se-á um abatimento de 20%.

PAGAMENTO ADIANTADO

O edificio tem accommodações hygienicas para sessenta alumnos pensionistas e as salas das aulas accommum bem cem alumnos.

O clima da localidade é excellentissimo.

O Collegio possuid brevemente aparelhos para o estudo pratico da cosmographia e das sciencias physicas.

Rio Novo, 8 de Outubro de 1886. (Alt.) 10-1

O DIRECTOR, JOSÉ DE AZURARA.

COLLEGIO KOPKE

DIRIGIDO

Pelo bacharel João Kopke

E

D. Felizbella Kopke Baptista Franco

Funciona este estabelecimento desde 7 de Janeiro corrente.

Recebe internas, semi-internas e externas.

A directora reside no edificio, ensina as aulas das menores, e as guia em todos os exercicios escolares.

No ultimo dia util de cada mez haverá exames, para que possam os paes verificar o progresso das alumnas.

Informam:—Os srs. Drs. A. Brasiliense, A. Campos, R. Pestana, G. Nash Morton e José Maria Lisboa.

Programmas:—No escriptorio d'esta folha.

EDUCAÇÃO

Tenho a honra de participar ao illustrado publico da capital e da provincia, que do 1.º de Julho proximo vindouro admitirei alumnos internos e externos na minha residencia a rua do Brax n. 63, casa espaçosa, com excellentes aposentos, quartas de banhos quentes, frigida e de chuveiro, grande jardim e chaceira a tudo o que torna um estabelecimento de educacão commodo e saudavel. Bonda a porta.

O programma dos estudos abrangue todas as materias de instrucção primaria e secundaria, para o ensino e o seu cumprimento, sou devidamente coadjuvado por um habilitado corpo docente.

S. Paulo, 26 de Junho de 1886.

DR. JOHN CROSS.

10-10

Figura 4. Ao meio de anúncios diversos, como aluguel de criança escrava para servir de pajem, figuravam os variados e numerosos anúncios de ensino pago. As propagandas incluíam ofertas de ensin nos estabelecimentos em regime de internato, para meninas e meninos, ensino doméstico etc. (Fonte: Jornal A Província de São Paulo – Arquivo do Estado de São Paulo – São Paulo/SP).